

ACERVO SECULAR INÉDITO REVELA AO MUNDO O FOTÓGRAFO AMADOR ESTEREOSCÓPICO MANOEL DANTAS.

Unprecedented secular collection reveals the world amateur stereoscopic photographer Manoel Dantas.

Colección secular sin precedentes revela al fotógrafo estereoscópico aficionado mundial Manoel Dantas.

Itamar de Moraes Nobre¹
Renata Luz Passos²

Resumo

Em pesquisa documental, perfilamos biograficamente o potiguar Manoel Dantas (1867-1924), como fotógrafo estereoscópico amador do início do séc. XX. Partimos do acesso inédito a 2.146 fotografias em vidro, objetos e documentos de seu acervo. Objetivamos investigar os usos e funções que este intelectual destinou às imagens. Acreditamos que as práticas deste fotógrafo, ainda anônimo, pode oferecer novos dados para a história da mídia visual.

Palavras-Chave: Biografia. História da fotografia. Fotografias estereoscópicas. Manoel Dantas. Fotógrafos anônimos.

Abstract

In documentary research, we biographically profiled the Potiguar Manoel Dantas (1867-1924), as an amateur stereoscopic photographer from the beginning of the century. XX. We started with unprecedented access to 2,146 photographs on glass, objects, and documents from his collection. We aim to investigate the uses and functions that this intellectual assigned to images. We believe that the practice of this anonymous photographer could offer new data for the history of the visual media.

Keywords: Biography. Photographic History. Stereoscopic Photographs. Manoel Dantas. Anonymous Photographers.

Resumen

En la investigación documental, perfilamos biográficamente al Potiguar Manoel Dantas (1867-1924), como fotógrafo estereoscópico aficionado desde principios de siglo. XX. Comenzamos con un acceso sin precedentes a 2.146 fotografías en vidrio, objetos y documentos de su colección. Nuestro objetivo es investigar los usos y funciones que este intelectual asignó a las imágenes. Creemos que la práctica de este fotógrafo anónimo puede aportar nuevos datos para la historia de los medios visuales.

Palabras-clave: Biografía. Historia de la fotografía. Fotografías estereoscópicas. Manoel Dantas. Fotógrafos anónimos.

Redescobrimos a história da fotografia

¹ Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN, Brasil. itanobre@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5726-8257>.

² Mestre, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal - RN, Brasil. renata.passos@me.com | <https://orcid.org/0000-0002-9867-5916>.

Estando a civilização moderna distante há mais de 180 anos da invenção da fotografia (1839) é de se esperar que muito já tenha sido descoberto sobre o percurso dessa mídia. Afinal, não se trata apenas de um distanciamento temporal, mas, do protagonismo desde então exercido pelas imagens técnicas em nossa sociedade.

Para Kossoy (2007), se existe um campo promissor para novas investigações, esta seara é a dos fotógrafos anônimos. O autor defende que os dados obtidos por um rastreamento espaço-temporal representariam “avanços significativos tanto na área da fotografia em sua história própria como no que toca à memória histórica e fotográfica do país, proporcionando, em suma, novos dados para o conhecimento do passado” (KOSSOY, 2007, p. 66).

Por esta razão, acreditando estarmos diante da descoberta de um fotógrafo amador anônimo e seu legado imagético é que desenvolvemos esta pesquisa na área dos estudos da história da mídia visual. Isso porque, este trabalho foi elaborado mediante o acesso recente ao que nos parece ser o maior acervo de fotografias estereoscópicas do Rio Grande do Norte, produzidas no início do século XX, pelo fotógrafo amador potiguar Manoel Gomes de Medeiros Dantas (1867-1924). Sua obra, composta por 2.146 fotografias reveladas em lâminas de vidro apresentam e representam cenários naturais e urbanos de municípios não apenas potiguares, mas dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Amazonas, entre outros. Também documentam aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos de um período histórico marcado por significativas mudanças vivenciadas com o final do século XIX e início do século XX, a exemplo da instauração da república no Brasil. Concordamos com Kossoy (2007, p. 18) sobre:

[...] a necessidade de promover-se um amplo rastreamento regional e nacional dos fotógrafos anônimos do passado, enquanto tarefa inadiável para se estabelecer marcos referenciais, tendo em vista a compreensão dos processos históricos específicos às origens e desenvolvimento da fotografia em suas diferentes manifestações. (KOSSOY, 2007, p. 18).

Se Manoel Dantas como fotógrafo amador ainda é desconhecido pela historiografia do desenvolvimento da fotografia brasileira, não se pode dizer o mesmo enquanto intelectual de atuação diversa e destacada que foi, em seus 57 anos de vida, no Rio Grande do Norte. Um exemplo disso pode ser observado no resgate da abertura do discurso do então governador do estado, Juvenal Lamartine de Faria, no ano de 1943, durante uma conferência em sessão pública da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em que enfatizou a relevância do patrono da cadeira de número 26, o sertanejo potiguar Manoel Dantas:

A palestra que vão ouvir é apenas um esboço rápido e incompleto da personalidade interessante e complexa de Manoel Dantas. Esse saudoso conterrâneo, que todos ou quase todos os que se acham nesta sala conheceram e estimaram, merece bem um estudo demorado e honesto de sua individualidade e de suas atividades intelectuais (LAMARTINE, 1943, p. 62).

Conforme recomendou Juvenal Lamartine, o perfil polimático de Manoel Dantas, em razão de suas atuações como jornalista, advogado, gestor público, geógrafo, educador, orador e como político no período histórico conhecido como república velha (1889-1930), suscitou o interesse de pesquisadores

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

acadêmicos³ que realizaram seus estudos em nível de pós-graduação, dando destaque a algumas destas atividades profissionais.

No tocante a sua condição de fotógrafo amador, nos voltamos para o espólio que se encontra em poder de seus descendentes, para elaborarmos os aspectos biográficos, por meio de um estudo de caso, com fontes bibliográficas e documentais – majoritariamente primárias – a exemplo do acervo fotográfico. Trata-se de imagens produzidas entre os anos de 1900 e 1924, cujos registros ligados as suas áreas de interesses pessoais e atuações profissionais nos contam um pouco de seus 57 anos de vida.

Aspectos da difusão da fotografia estereoscópica no Brasil e no RN

A fotografia estereoscópica, isto é, as imagens de efeito tridimensional, produzidas por uma câmera com duas lentes, que simulavam o funcionamento do olho humano foi apresentada ao mundo no ano de 1851. Assim como a fotografia tradicional não tardou a chegar no Brasil, ainda na segunda metade do século XIX, pelas mãos do imperador D. Pedro II⁴. Desde o seu surgimento, despertou o interesse de fotógrafos profissionais renomados que podiam ter acesso, financeiro e logístico, à tecnologia a exemplo do fotógrafo da Casa Imperial, o alemão Revert Henry Klumb (1830-1886) e do brasileiro Marc Ferrez (1843-1923). Ambos atuavam, prioritariamente, no Rio de Janeiro que na condição de polo administrativo, econômico, cultural e político do país, acabou sendo o principal difusor do processo de desenvolvimento

³ Como exemplo, podemos citar as dissertações: Ser(tão) Seridó em suas cartografias espaciais (Medeiros Neta, 2007); Em nome(s) dos interesses imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República (Brito, 2012); A atuação de Manoel Dantas na Instrução Pública Norte-Rio-Grandense (Moraes, 2018), além da tese: Contribuições do Intelectual Manoel Dantas para a Instrução Pública no Rio Grande do Norte (Araújo, 2016).

⁴ No que concerne a fotografia, o imperador D. Pedro II (1825-1891) foi um dos precursores no interesse pela técnica no Brasil. Por sua paixão pela prática se tornou uma espécie de mecenas, divulgando e incentivando, seja por meio do título de fotógrafo da Casa Imperial, seja por meio de patrocínios (Turazzi, 1995, p. 105).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

da fotografia no Brasil, como atestam as publicações que datam de 1844, como o Almanak Laemmert (Turazzi, 1995).

Afora a capital federal, a cidade de Recife no estado de Pernambuco, por sua proximidade com a Europa, também foi um grande centro de distribuição das novidades tecnológicas, incluindo a fotografia. No anúncio abaixo (Figura 1), publicado em 08 de julho de 1899, no jornal diário recifense “O Pequeno Jornal” é possível constatar a venda de máquinas e artigos fotográficos, incluindo os estereoscópios.

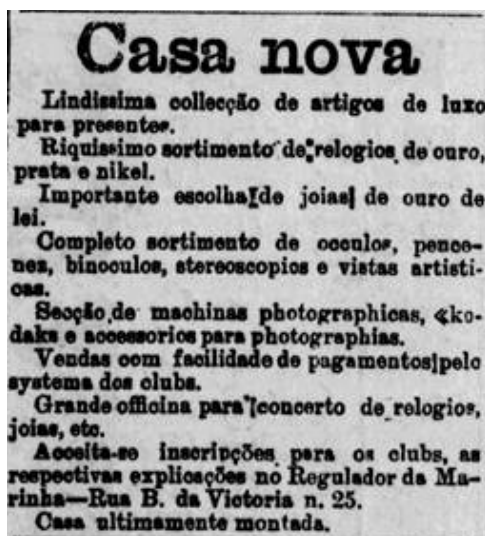


Figura 1 - Anúncio de venda de estereoscópios
 FONTE: Pequeno Jornal, Recife/ PE, 1899, p. 3

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Foi neste universo que, entre os anos de 1895 e 1889, Manoel Dantas, acabou se inserindo. Primogênito de uma prole de 11 filhos, de um casal⁵ de agricultores do município de Acari, localizado no sertão do Rio Grande do Norte, chegou à capital pernambucana como o escolhido entre os irmãos para ingressar na Faculdade de Direito do Recife, tornando-se o único “doutor” da família. Nesse sentido, para os pais sertanejos, a educação e formação superior, de pelo menos um dos filhos, se mostrava como uma das poucas possibilidades de ascensão social e acesso a cargos administrativos do ainda governo vigente (Bueno, 2016).

Em seu retorno, além do diploma, Manoel Dantas trouxe novas e importantes amizades⁶ com filhos de fazendeiros seridoenses, com quem partilhava seus ideários republicanos e liberais aprendidos na academia. Em dezembro de 1890, encaixou-se a última peça que iria tornar possível à Manoel Dantas ocupar um lugar de destaque na sociedade potiguar do final do século XIX: o casamento com a filha de um típico coronel, líder político de sua região⁷. Para Bueno (2016, p. 45), “como rezavam as regras de compadrio, era tarefa do “coronel” cumprir as necessidades de seus inúmeros parentes, afilhados, compadres, agregados ou clientes, importantes para manter o curral eleitoral”.

Assim, percebemos como as alianças e relações de parentescos foram a causa e a consequência de suas posições políticas, influenciando diretamente nos espaços administrativos que ocupou. Foi a

⁵ Os pais de Manoel Dantas foram Manoel Maria do Nascimento Silva (1838-1929) que se casou com sua sobrinha Maria Miquelina Francisca de Medeiros (1848-1936). É importante mencionar que os casamentos consanguíneos, entre pessoas da mesma família era uma prática comum neste período. Esses enlances, além de servir para a perpetuação dos bens familiares, também eram utilizados para o fortalecimento político dos líderes da região, que através de seus netos, unificavam ainda mais as árvores genealógicas.

⁶ Entre elas está a que construiu com os irmãos - também estudantes caicoenses de direito - Janúncio Salustiano da Nóbrega Filho (1869-1899) e Diógenes Celso da Nóbrega (1861-1928), com quem fundou o jornal “O Povo” de Caicó. Um importante veículo potiguar de disseminação das ideias republicanas.

⁷ Manoel Dantas tornou-se genro do Coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836-1921) ao casar-se com sua filha Francisca Anália Bezerra Dantas (1865-1951).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

combinação desses fatores que o permitiu trilhar, simultaneamente, uma promissora carreira jurídica⁸, política⁹, jornalística (que iremos destrinchar mais adiante) e de gestor público voltado para a educação¹⁰, oferecendo indícios de como um sertanejo potiguar, nascido em uma família com recursos financeiros limitados teve acesso a um “hobby” que exigia dinheiro, informação e acesso para ser praticado. Especialmente na condição de amador, uma vez que não exercia a atividade visando torná-la uma fonte de renda.

Adams (2004) pontua que ainda no início do século XX, os amadores foram atraídos pela facilidade na utilização da fotografia estereoscópica, tanto pela simplicidade de uso, quanto pelo surgimento dos modelos de câmeras mais acessíveis financeiramente para estes iniciantes. Além disso, um outro fator de adesão foi o encantamento provocado nos espectadores devido ao seu resultado visual de realismo.

No tocante a temática, os cliques dos amadores eram mais frequentes, espontâneos e pessoais, pois além de ser um passatempo, a desambigação pecuniária oferecia a esses fotógrafos uma liberdade de escolha, diferentemente dos profissionais que vinculavam sua produção às encomendas de seus clientes. Pensar nisso, nos auxilia na compreensão da relevância dos legados imagéticos produzidos pelos amadores. Concordamos com Barthes (1984, p.92), quando defende que é o caráter amador (não no sentido da ausência da técnica) o responsável pelo olhar mais representativo desses registros, afinal,

⁸ Foi promotor da cidade de Jardim do Seridó (1889) e ainda promotor do município de Acari (1890), juiz substituto do Juízo Federal em 1891 (tendo sido o primeiro juiz após a criação da Justiça Federal no RN) e primeiro procurador geral do estado no ano de 1908. Também exerceu a advocacia privada com destaque nas áreas do patrimônio e contratos comerciais (Lima, 1924).

⁹ Foi o primeiro secretário do Partido Republicano do RN. Em novembro de 1907 assumiu o seu primeiro cargo eletivo, tomando assento como deputado do 6º. congresso legislativo, sendo escolhido como 1º secretário. Em 1923 foi eleito intendente (prefeito) de Natal. Tomou posse em maio de 1924, mas pouco mais de um mês depois, veio a óbito (Lima, 1924).

¹⁰ Em 1894 tomou posse como diretor geral da instrução pública, cargo análogo ao secretário estadual da pasta onde promoveu importantes avanços para a educação pública potiguar como a inauguração de escolas em municípios que ainda não dispunham de uma sede, classes voltadas para os adultos e a criação de aulas de técnicas agrícolas, inaugurando as aulas extraclasse ou aulas de campo (Lima, 1924).

Via de regra, o amador é definido como uma imaturação do artista: alguém que não pode - ou não quer - alçar-se ao domínio de uma profissão. Mas no campo da prática fotográfica, é o amador, ao contrário, que constitui a assunção do profissional: pois é ele que se mantém mais próximo do noema da fotografia. (BARTHES, 1984, p. 92).

No estado do Rio Grande do Norte, até o momento, não existem registros do uso da estereoscopia por fotógrafos profissionais. O que a leitura de jornais da época, como *A República* e o *Diário de Natal*¹¹ nos permitem aferir, é que no final do século XIX e início do século XX, alguns estrangeiros atuavam de forma itinerante, a exemplo dos irmãos alemães Max e Bruno Bourgard¹² e do italiano Nicolas Barra, utilizando a fotografia monoscópica. O mesmo ocorreu com os fotógrafos brasileiros e potiguares que por aqui atuaram.

Quanto aos amadores, ao que pudemos verificar, apenas dois fotógrafos adotaram a tecnologia tridimensional. Um deles foi o químico pernambucano Domingos de Souza Barros (1865-1938) onde, após trabalhar no Rio de Janeiro para o político e aviador potiguar Augusto Severo (1864-1902) veio morar em Natal, onde casou-se com a sobrinha do então governador Alberto Maranhão, ingressando na família Albuquerque Maranhão¹³.

O outro, Manoel Dantas, não registrou sobre quando teria iniciado sua atividade como fotógrafo amador, ao contrário de suas outras atividades, que foram minuciosamente descritas em seu diário

¹¹ Jornais acessados através da Hemeroteca da Biblioteca Nacional em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹² Bruno e Max atuaram como fotógrafos se estabelecendo desde o final do século XIX em Recife, mas atuando de forma itinerante no Maranhão, Pará, Rio Grande do Norte e Paraíba. Em 1887 romperam a sociedade, tendo Bruno continuado com a atividade. (Lira, 1997, p. 61).

¹³ Domingos de Souza Barros casou-se com Maria Leonor de Albuquerque Maranhão (1878-1909) no dia 28 de outubro de 1900. Ela era filha de Fabrício de Albuquerque Maranhão, irmão de Pedro Velho, Augusto Severo e Alberto Maranhão. A família Albuquerque Maranhão comandou de forma oligárquica os destinos políticos e administrativos do Rio Grande do Norte por 13 anos, após a instauração da república.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

pessoal, sob o título de “Algumas datas de minha vida”¹⁴. No entanto, a primeira foto passível de datação em seu acervo é dos seus filhos, Garibaldi e Christovam pequenos, possivelmente no ano de 1900. Na legenda, apesar de ter colocado apenas o nome dos meninos, percebemos que Christovam, nascido em abril de 1900, ainda era um bebê de colo e Garibaldi, nascido em 1898, aparentava ter por volta de dois anos de idade, como se pode observar na imagem a seguir (Figura 2):



Figura 2 - Foto nº280 – Pretória – Garibaldi e Christovam, conforme legenda
 FONTE: Acervo Manoel Dantas

Ao longo da pesquisa percebemos, na investigação sobre a incursão de Manoel Dantas pelo mundo da fotografia, que iríamos demandar o conhecimento dos aspectos culturais, históricos, econômicos, sociais e, até mesmo, em características intrínsecas à sua personalidade. Sobretudo sua relação com a imprensa que parece estar imbricada com a fotografia.

¹⁴ Manoel Dantas deixou um diário pessoal onde relatou os principais acontecimentos pessoais e profissionais entre os anos 1867 e 1920. Este diário encontra-se em poder da família.

Uma vida dedicada ao jornalismo

Se até aqui, percebemos que a vida de Manoel Dantas foi pautada pela multiplicidade de atividades e interesses, podemos inferir que a maior de suas vocações foi o jornalismo.

De fato, desde muito jovem, a imprensa atuou como sua tribuna perpétua para defesa e reivindicação dos seus interesses políticos e pessoais. Nos conta Luís da Câmara Cascudo, que o considerava como um “velho tio familiar”¹⁵, em uma de suas colunas do Diário de Natal, em 25 de maio de 1962 que em 1883, aos 16 anos de idade, Manoel Dantas teria colaborado para o jornal circulante nos corredores do colégio Atheneu denominado "Echo Estudantil" fazendo reivindicações acadêmicas. Assim, percebemos que sua contribuição para a prática da imprensa potiguar, contabilizou 41 anos ininterruptos dedicados a carreira jornalística, conciliando-a com as demais responsabilidades jurídicas, partidárias e administrativas. Para Cascudo (1962, p. 3),

Manoel Dantas foi a mais completa organização jornalística que o Rio Grande do Norte já possuiu. Em um meio pequeno, pacato e sem assuntos para as bisbilhotices dos repórteres, ele fazia, diariamente e meses a fio, todo o jornal, desde o artigo de fundo, sisudo e doutrinário, como exigiam os leitores da época, até o anúncio, passando pela crônica social, noticiário, a tradução dos telegramas, a seção humorística e o folhetim. (CASCUDO, 1962, p. 3).

A partir da mudança domiciliar de Acari para Natal, em junho de 1891, Manoel Dantas deixou de escrever para "O Povo", retornando à uma redação quando, em março de 1893, decidiu fundar o primeiro

¹⁵ Em coluna do dia 08/05/1962, Câmara Cascudo relembra Manoel Dantas falando da amizade de infância com dois filhos, Garibaldi e Cristóvão Dantas. Manoel Dantas também era amigo e advogado de seu pai, Coronel Francisco Cascudo.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

“Diário de Natal”. O jornal tinha um viés oposicionista ao governo estadual, mas, seis meses depois encerrou suas publicações por falta de verba publicitária. Nos escritos no seu diário particular, relatou que no dia 09 de outubro de 1894 publicou o primeiro número do jornal “O Estado”. As pautas continuavam com um tom crítico de oposição à administração vigente. Este semanário político circulou até março de 1895.

Apenas em fevereiro de 1897, com o restabelecimento do alinhamento político dos líderes do Seridó junto ao governador Pedro Velho é que Manoel Dantas passou a integrar a redação de “A República”, órgão do partido situacionista pertencente ao governador. Com o passar do tempo, as relações profissionais e políticas foram ficando cada vez mais estreitas, até que em 24 de março de 1900, ele foi alçado a condição de redator-chefe para substituir Alberto Maranhão, que assumira o governo do estado. Entre 1900 e 1908 também foi o seu dirigente. Desligou-se formalmente em 1908, mas nunca deixou colaborar extraoficialmente. No ano de 1923 retornou à direção do jornal, mantendo-se nessa condição até o dia de seu falecimento. O comprometimento com “A República” era tão grande que na sede da redação do jornal funcionava também o seu escritório de advocacia.

Além da atuação nos jornais já citados, os escritos de Manoel Dantas puderam ser lidos nos jornais “A Liberdade”, o “Rio Grande do Norte” e o “Nortista”. Foi também colaborador do Jornal da Manhã e, em 1906, correspondente potiguar do jornal carioca “O Paiz”.

Nas páginas desses periódicos, foram temas de seus artigos as movimentações políticas, sociais e econômicas do estado no início do século XX. N’A República, manteve uma coluna denominada de “Através das Revistas”, onde traduzia de suas revistas internacionais, os temas que julgasse curiosos, informativos e/ou inéditos. Um exemplo foi a tradução que fez, em 1897, de um artigo que anunciava a fotografia colorida. Nesse sentido, um dos principais fatores que apontam para essa correlação foi ele ter

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

sido uma das primeiras pessoas físicas a possuir uma caixa postal no Rio Grande do Norte, como atesta o primeiro registro das assinaturas de caixas postais feito em 1911¹⁶. Por meio deste dispositivo, recebia encomendas de todos os lugares do mundo. Em sua biblioteca¹⁷ constavam 1.074 exemplares de 18 títulos de revistas francesas, inglesas, americanas e brasileiras, entre os anos de 1895 e 1923.

A maioria das publicações era ilustrada e, naturalmente, traziam artigos sobre os últimos lançamentos tecnológicos, incluindo os do mercado fotográfico. Pereira (2016, p. 44) relata que ainda em 1903, uma propaganda na revista francesa *L'illustration*, da qual Manoel Dantas era assinante, afirmava: “tout le monde sera photographe” [Todo mundo será fotógrafo]. Assim, pressupomos que ele já estava bem familiarizado com a fotografia (técnica, máquinas, materiais e processos), quando em 1900 parece ter dado seus primeiros cliques.

Grande parte das matérias, embora fossem redigidas por Manoel Dantas não vinham assinadas, com exceção do expediente. Preferia fazer uso de pseudônimos, como Braz Contente, onde falava das “Coisas da Terra” em crônicas que evidenciavam os acontecimentos, as personalidades e aspectos diversos das atividades rurais do RN. No dia 05 de outubro de 1908, nesta mesma coluna, Manoel Dantas trouxe notícias da Exposição Nacional que estava em curso. A temática da nota era sobre o sucesso do “Verascopo”¹⁸ de Domingos Barros, dando pistas sobre quem poderia ter o apresentado o aparato tecnológico:

¹⁶ No Almanak Laemmert. Edição B00068 - 1911, pg. 3720, consta que Manoel Dantas foi o 4º potiguar a possuir uma caixa postal. À época, no total, havia 26 caixas postais: 10 pertencentes a potiguares, 5 de estrangeiros e 11 de empresas.

¹⁷ Levantamento feito junto ao Instituto Histórico e Geográfico do RN, onde se encontram os livros e publicações que pertenceram a biblioteca de Manoel Dantas. Câmara Cascudo, em discurso necrológico, realizado na sede da Maçonaria em junho de 1924 (cópia pertencente aos documentos do acervo), relatou que essa biblioteca era composta por mais de 5.000 volumes.

¹⁸ Referência à câmera estereoscópica francesa Verascope de Richard que tanto Manoel Dantas, quanto Domingos Barros utilizavam.

As notícias da exposição trazem sempre, entre outras, a nota do sucesso do verascope de Domingos Barros, que é a great attraction da nossa modesta, porém significativa exibição. Domingos Barros, sinão tivesse já outros títulos de benemerência, bem poderia passar à posteridade como homem do verascope. Não foi o inventor desse maravilhoso instrumento photographico, porém podemos dizer, sem medo de errar, que foi o introductor dos aparelhos Richard no Brazil, onde eram quase inteiramente desconhecidos antes d'elle. E cabe ao Rio Grande do Norte a prioridade dessa vulgarização, notando-se mais que aqui, com a propaganda de Domingos Barros, o verascope, que faz sucesso presentemente no Rio, está se tornando vulgar (CONTENTE, 1908, p. 1).

Julgamos que a convivência social e política, compartilhada entre Manoel Dantas, Domingos Barros e a família Albuquerque Maranhão, foi a responsável por torná-los tão próximos. Além da possibilidade de ter apresentado o Verascope de Richard para Manoel Dantas, trabalhamos com a hipótese de que Domingos Barros, na condição de químico e fotógrafo amador, também tenha ensinado o potiguar a fazer as suas próprias revelações. Este argumento é reforçado pelas lembranças do filho caçula, Osório Bezerra Dantas (1910-2004), em escritos datados de outubro de 2000¹⁹, onde relatou lembrar do ateliê fotográfico montado no porão da Vila Pretória²⁰, “onde ele revelava as chapas, passando do negativo para o positivo, em banhos que só ele sabia fazer”.

A relação da fotografia com o jornalismo é percebida quando relacionamos a correspondência dos seus cliques com as narrativas que descreveu nos jornais. É o caso dos fatos de maior abrangência pública, como a visita do presidente Afonso Pena ao Rio Grande do Norte, em 1906; a morte do governador Pedro Velho, em 1907; a Exposição Nacional, em 1908; além de inaugurações de praças e

¹⁹ Apontamentos manuscritos que constam nos documentos constituintes do acervo.

²⁰ Vila Pretória era o nome dado a chácara onde Manoel Dantas residia em Natal.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

estátuas, festas cívicas e movimentações partidárias, a exemplo da excursão que seu sobrinho, então candidato ao governo do estado, José Augusto Bezerra de Medeiros (1884-1971) fez pelo interior do RN, em 1923.

A despeito da similaridade temática entre o que Manoel Dantas escrevia na imprensa e fotografava, até onde foi possível investigar, conseguiu publicar apenas sete de suas fotografias no jornal “A República”. A ocasião foi a edição especial do dia 15 de novembro de 1911. A explicação para que este feito não fosse corriqueiro foi o alto custo para a confecção dos clichês. Os investimentos em impressão de fotografias em jornais²¹ brasileiros só começaram a ser adotados quando os proprietários desses periódicos passaram a tratá-los como empreendimentos, cujo objetivo principal deveria ser o lucro e não apenas um instrumento de finalidade política. Isso porque “era um processo caro e, não raro, exigia a mudança de praticamente todos os equipamentos do parque gráfico do jornal ou revista” (Boni; Oliveira, 2016, p. 24). Importante frisar que esta pesquisa não se debruçou sobre o desenvolvimento da impressão de imagens na imprensa do Rio Grande do Norte, muito embora tenhamos aferido que até o ano de 1924, não consta outra utilização de fotos nos periódicos potiguares.

As vistas estereoscópicas do acervo

Tanto pelo número de fotografias que constituem o acervo, quanto pelos relatos das pessoas próximas a Manoel Dantas, o seu interesse pela fotografia fica patente. É o caso do discurso proferido por

²¹ Como pode-se supor, era um processo demorado e de custo elevado. No Brasil, o primeiro periódico a publicar fotografias pelo sistema de autotipia foi o semanário Revista da Semana, cujo primeiro número circulou encartado no Jornal do Brasil em 20 de maio de 1900 (BONI; OLIVEIRA, 2016, p. 20).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Câmara Cascudo²², pela ocasião da morte de Manoel Dantas, onde relatou que a câmera era companheira inseparável do jornalista:

Todos nós nos acostumamos à sua figura. Era como um ornato indispensável às festas. Antecipando a sua chegada, a indefectível fotografia, tão regular, tão natural, tão sua e inerente ao seu hábito que, julgamos possível vê-lo ressurgir vivo e são, na tarde de seu enterramento, para bater mais uma chapa fotográfica. (CASCUDO, 1924, p.2).

Atualmente, estão catalogadas 2.146 fotografias estereoscópicas, sendo 216 negativos e 1.930 diapositivos, mas um de seus herdeiros familiares, o geólogo e professor universitário aposentado Edgard Ramalho Dantas, garante que o legado imagético deixado por seu avô foi pelo menos 5X maior, uma vez que pode ter produzido mais de 10.000 fotografias²³.

Conforme nos parece ser praxe, uma vez que Guilherme dos Santos²⁴ também assim procedia, o espaço na lâmina entre as duas imagens era reservado à legenda da foto. Além do tema, elas costumavam também ser numeradas, muitas vezes com um número acima e outro abaixo, conforme a imagem a seguir (Figura 3).

²² Trecho extraído do discurso necrológico, realizado na sede da Maçonaria em junho de 1924 (cópia pertencente aos documentos do acervo)

²³ Número estimado pelo neto de Manoel Dantas, Edgard Ramalho Dantas em entrevista concedida à pesquisadora em 14 de setembro de 2020.

²⁴ Guilherme dos Santos (1871-1966) foi um fotógrafo amador carioca. (Santos, 2019).



Figura 3 - Foto nº. 39 tirada no Rio de Janeiro, registrando o Presidente Afonso Pena e seus Ministros
 FONTE: Acervo Manoel Dantas

No tocante aos números, não conseguimos estabelecer uma coerência para compreender o procedimento adotado, haja vista que em alguns casos fica evidente que o número de cima se trata da temática e o de baixo, da sequência, isto é, do número de fotos que tirou deste mesmo assunto. Mas, em outros, essa mesma lógica não satisfaz.

No entanto, percebemos que ele escreveu informações sobre a maioria das cenas. Do total contido no acervo, menos de 100 imagens diapositivas encontram-se sem qualquer identificação. Além dessas, todos os negativos também não possuem legenda e nem todos eles correspondem a uma foto em diapositivo e vice-versa.

Um outro aspecto observado é que apenas um pequeno número de fotografias foi datada por ele. Apesar disso, muitas puderam ter suas datas estimadas, uma vez que se tratava de inaugurações de praças e monumentos, eventos públicos e datas comemorativas pessoais, como bodas, aniversários, viagens, entre outras ocasiões que foram anotadas no diário pessoal de Manoel Dantas. Essas imagens possuem correspondência a fatos ocorridos entre 1900 e 1924.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Conforme explicitamos, ao realizar uma incursão no acervo, já é possível perceber o quanto as suas atividades profissionais estão relacionadas com os seus cliques. Na educação, por exemplo, há fotos de vários grupos escolares, a fundação da Escola Doméstica de Natal (1914), formaturas, festas escolares e dos escoteiros.

As fotografias feitas em outros estados são, em sua maioria, recordações das praças, monumentos, cemitérios, igrejas, cais, ruas e tudo o mais que pudesse caracterizar o lugar que visitava. São pelo menos 10 estados brasileiros, alguns com imagens de mais de um município. O destaque dessa seção é a cobertura da Exposição Nacional de 1908, realizada no Rio de Janeiro, com 111 fotos.

As fotos permitem aferir o interesse particular de Manoel Dantas em obras como porto, ruas, praças, estátuas, mercado, estrada de ferro, entre outras, demonstrando o quanto queria registrar os avanços administrativos do governo republicano. Por outro lado, também se ocupou em fotografar paisagens naturais, como praias, jardins e cenários rurais, denotando suas raízes sertanejas.

Em um foro mais privado, é inegável o destaque dado à família, tanto quantitativa quanto qualitativamente. Manoel Dantas fez questão de registrar seus 11²⁵ filhos em diversas ocasiões e idades. Dos mais solenes, como: aniversários, batizados, casamento, formaturas, até os mais cotidianos como as crianças brincando, estudando, fantasiados, com animais de estimação e em muitas outras circunstâncias triviais.

Todas as imagens do acervo estão impressas em lâminas de vidro que possuem 45 x 107mm. Este formato, que era mais compacto que os antecessores, foi introduzido no mercado por Jules Richard

²⁵ Seus filhos, por ordem cronológica, foram: Silvino Bezerra Dantas (1882-1954); Beatriz Bezerra Dantas (1883-1981); José Garibaldi Dantas (1898-1979); Isabel Theodomira Bezerra Dantas (1899-1925); Christovam Bezerra Dantas (1900-1964); Vinício Bezerra Dantas (1901-1958); Ignez Bezerra Dantas (1902-1982); Leonor Bezerra Dantas (1905-1972); Umberto Bezerra Dantas (1908-1987); Edgar Bezerra Dantas (1909-1930) e Osório Bezerra Dantas (1910-2004).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

e sua Maison Richard de Paris. No acervo há duas caixas, são elas: as lâminas secas de gelatina e brometo de prata, “blue label”, fabricada pelos irmãos Lumière, na França e a da inglesa Ilford, do modelo gaslight lanterns.

Quanto ao modelo de câmera que utilizava, na foto que fez em frente ao espelho, em 1911, é possível verificar que se trata de uma Verascope de Richard, do ano de 1900, com a lente simples, ou seja, o modelo de entrada da marca. Na imagem abaixo (Figura 4), pode-se constatar a câmera, o temporizador (corda que se encontra em cima da mesa), e o visor estereoscópico para contemplar as imagens, depois de reveladas.



Figura 4 - Fotografia com Manoel Dantas e sua esposa, D. Francisca. Ele utilizando seu Verascópio
FONTE: Acervo de Manoel Dantas

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

É provável que Manoel Dantas também tenha possuído um aparelho Le Taxiphote²⁶, também da Maison Richard, uma vez que no acervo existem 40 cassetes deste dispositivo, com capacidade para 25 lâminas cada. Este aparelho confirma a vocação das lâminas de servir ainda como atração para os visitantes, ficando dispostas na sala de estar, um cômodo que alcançava o status de “novo palco do mundo” (SILVERSTONE, 2014, p.175).

Além das fotografias também constam materiais acessórios como três estereovisores, 35 caixas de lâminas em papel e 2 caixas de madeira para acomodar as lâminas.

Acreditamos que comprar esses materiais não era difícil e podia ser feito nas grandes capitais, como Recife ou Rio de Janeiro, uma vez que Santos (2019) inventariou 23 endereços, apenas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1854 e 1899 que vendiam imagens e aparelhos voltados para a estereoscopia. Podemos supor, portanto, que com o boom experimentado a partir de 1900, com a adesão de fotógrafos amadores ao Sistema Verascope, esse número tenha aumentado até a década de 1950, quando a tecnologia começou a registrar desinteresse (PARENTE, 1999).

No entanto, Manoel Dantas não alcançou o declínio experimentado pela estereoscopia, já que faleceu no dia 15 de junho de 1924, após contrair tifo.

Considerações finais

O que se procurou fazer através deste artigo foi apresentar um perfil biográfico com vistas a caracterizar a prática social, isto é, os usos e funções destinados pelo potiguar Manoel Dantas, em sua

²⁶ Linha de visores de lâminas de vidro denominada Le Taxiphote que foi o mais tecnicamente sofisticado de todos os visualizadores estereoscópicos que Jules Richard inventou. Para ver mais: <https://www.andreriuter.nl/taxiphote-by-jules-richard/>

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

trajetória como fotógrafo estereoscópico amador, entre os anos de 1900 e 1924. Para tanto, nos utilizamos de seu acervo de fotografias estereoscópicas, documentos primários e secundários para nos auxiliar na reconstrução do universo deste fotógrafo – até então – anônimo.

Remontar a trajetória profissional crescente de Manoel Dantas, que o fez integrar em uma restrita elite, intelectual e econômica, da época, nos ajudou a compreender a obtenção das condições econômicas necessárias que o possibilitou exercer a fotografia estereoscópica de forma amadora. Também verificamos a facilidade de acesso a insumos que eram adquiridos, principalmente em cidades brasileiras como Rio de Janeiro e Recife.

Por fim, percebemos o quanto a incursão no jornalismo favoreceu a convivência com o mundo pujante das notícias, das novidades e das personalidades que, assim como ele, já se interessavam pela fotografia.

Por este perfil pessoal, traçado a partir destas ocasiões, assinalamos que a escolha da tecnologia que adotou para tirar as suas fotografias pode ter sido causa e consequência de sua sintonia com a modernidade. É necessário pontuar que os avanços tecnológicos observados em razão da revolução industrial se refletiram no aparecimento de novas técnicas e modernos equipamentos fotográficos, sendo diretamente responsáveis pela popularização da fotografia que dependia de questões práticas, facilitando o uso dos amadores. Acreditamos que Manoel Dantas acompanhava esses progressos, seja por meio da imprensa, seja através de suas relações pessoais.

Referências

Adams, G. (2004). A mirada estereoscópica e sua expressão no Brasil. Tese (doutorado em Comunicação e Estética do Audiovisual) Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: São Paulo.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

- Barthes, R. (1984). *A câmara clara*. 6a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Boni, P. C., Oliveira, M. (2016). *A fotografia na mídia impressa*. Londrina: Midiograf.
- Bueno, A. C. (2016). *Visões de República: ideias e práticas no Rio Grande do Norte (1880 - 1895)*. Natal: EDUFRN.
- Cascudo, L. C. (1924, junho 18). *A Homenagem da Maçonaria ao seu benemérito associado*. *A República*. p.2.
- Cascudo, L. C. (1962, maio 8). *Lembrando Manuel Dantas*. *Diário de Natal*, p. 3.
- Contente, B. (1908, outubro 5). *Coisas da Terra*. *A República*, p. 1.
- Kossoy, B. (2007). *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Lamartine, J. (1943, maio/junho). *Revista das Academias de Letras - Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil*, Rio de Janeiro, Ano VII - Nº 45, p. 62.
- Lima, N. S. (1923-1925). *Traços Biographicos do Dr. Manoel Dantas*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*, p. 308.
- Lira, B. S. (1997). *Fotografia na Paraíba: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850-1950)*. João Pessoa: Editora Universitária.
- Medeiros, J. A. B. (1980). *Seridó*. 2a. ed. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.
- Parente, J. I. (1999). *A estereoscopia no Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Casa nova. Pequeno Jornal (1899), (4) 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20189&pesq=&pagfis=1769>
- Pereira, A. M. (2016). *Lentes da memória: a descoberta da fotografia de Alberto de Sampaio 1888-1930*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo.
- Santos, M. I. M. (2019). *A mirada estereoscópica de Guilherme Santos: Cultura Visual no RJ (séculos XIX e XX)*. Tese (doutorado em História) Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro.
- Silverstone, R. (2014). *Por que estudar a mídia?* 4a ed. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola.
- Turazzi, M. I. (1995). *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo - 1839/1889*. Rio de Janeiro: Rocco.